



O FLUXO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE FRUTAS NO BRASIL: análise dos anos 2000 a 2017

Igor Martins Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros

Luiz Andrei Gonçalves Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo

O Brasil é um dos maiores produtores de frutas do mundo. Esse setor produtivo está presente em todos os estados do país. Embora ocupe lugar de destaque na produção, o Brasil tem pouca representatividade no mercado internacional. Entre as causas desse baixo dinamismo comercial pode-se destacar os problemas logísticos como um dos principais entresos da expansão do país no mercado internacional de frutas frescas. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar o mercado da fruticultura no Brasil, através das representações dos fluxos de produção e exportação de frutas frescas entre os anos de 2000 a 2017. Para alcançar esse objetivo utilizou-se como procedimento metodológico: revisão bibliográfica utilizando artigos de periódicos, teses, dissertações e livros que abordam a temática de agronegócio, fruticultura, logística de transporte e comércio exterior; coleta de dados secundários referentes às exportações de frutas no período de 2000 a 2017 utilizando a plataforma Agrostat do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA e o banco de dados da Produção Agrícola Municipal – PAM do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Os dados obtidos foram agrupados em subsetores possibilitando a elaboração de mapas e gráficos que demonstram o comportamento das exportações. Como resultado, foi possível espacializar os principais fluxos de comércio, os modais de transporte utilizados e alguns entresos que comprometem o dinamismo do país.

Palavras-chave: Fruticultura. Comércio Exterior. Logística. Exportação.

THE FLOW OF INTERNATIONAL FRUIT TRADE IN BRAZIL: analysis from 2000 to 2017

Abstract

Brazil is one of the largest fruit producers in the world. This productive sector is present in all the states of the country. Although it occupies a prominent place in production, Brazil has little representation in the international market. Among the causes of this low commercial dynamism can be highlighted the logistical problems

as one of the main entreves of the expansion of the country in the international market of fresh fruits. Therefore, the objective of this work is to analyze the fruit market in Brazil through representations of the production and export flows of fresh fruit between the years of 2000 and 2017. To achieve this objective, a methodological procedure was used: a bibliographical review using articles of periodicals, theses, dissertations and books that deal with the subject of agribusiness, fruit growing, transportation logistics and foreign trade; collection of secondary data on fruit exports from 2000 to 2017 using the Agrostat platform of the Ministry of Livestock and Food Supply (MAPA) and the Municipal Agricultural Production database (PAM) of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The data obtained were grouped into subsectors allowing the elaboration of maps and graphs that demonstrate the behavior of exports. As a result, it was possible to spatialize the main trade flows, the modes of transport used and some obstacles that undermine the dynamism of the country.

Keywords: Fruticulture. Foreign trade. Logistics. Export.

INTRODUÇÃO

A economia mundial emergente pode ser considerada como um mosaico de regiões produtivas especializadas formadas por diferentes processos e dinâmicas (BENKO, 2002). Na visão de Benko, a teoria do desenvolvimento regional sempre se interessou pelas relações de trocas intra e inter-regionais, uma vez que essas trocas constituem um dos fundamentos da especialização local. Essas relações são intensificadas no período atual da globalização, compreendida como o produto da expansão do capitalismo e da sociedade de consumo (HAESBAERT, 2001). Na globalização, a agricultura incorpora os fundamentos científicos e tecnológicos que visa o aumento exponencial da produção, sobretudo o mercado externo (SANTOS, 2000).

A expressão agronegócio é frequentemente utilizada no âmbito acadêmico e do senso comum para designar a agricultura extensiva e comercial. O termo foi formulado, segundo Wallace (1985), por Davis e Goldberg na década de 1950 na *Graduate School of Business Administration, Harvard University*. Naquele momento, o agronegócio foi entendido como o produto de todas as operações envolvidas na produção, processamento e distribuição de suprimentos/produtos agrícolas. Para Wallace (1985), esse conceito originou-se a partir das mudanças na estrutura de produção da agricultura ocidental, nos anos pós-Segunda Guerra Mundial, quando as atividades agrícolas se transformavam em componentes do sistema embrionário que interligava as operações agrícolas com fabricantes e distribuidores de produtos a montantes e a jusante.

No período pós-Segunda Guerra Mundial intensificou-se a especialização agrícola produtiva bem como a integração de culturas nas cadeias agroalimentares e agroindustriais. Surgem, também, os complexos de produção de alimentos da era “fordista”, com destaque para o complexo da carne e de alimentos duráveis (SILVA,

2001). Assim, “o desenvolvimento de grandes complexos agro-alimentares sob o domínio crescente de capitais transnacionais e a integração intra-setorial cruzando as fronteiras internacionais, foram as grandes marcas do segundo regime alimentar” (SILVA, 2001, p.22).

Desde os anos de 1970, a agricultura tem passado por transformações que a colocam em destaque no cenário econômico (BUAINAIN et al., 2014). O agronegócio brasileiro aqui tratado como “a cadeia produtiva que envolve desde a fabricação de insumos, passando pela produção nos estabelecimentos agropecuários e pela transformação, até seu consumo”, desempenha importante função na constituição do Produto Interno Bruto – PIB nacional (CONTINI, et al., 2006, p.06). A contribuição da agricultura para a formação de divisas não é uma particularidade do Brasil, nem do período econômico atual, uma vez que desde as escolas clássicas da economia a agricultura é reconhecida como fornecedora de excedentes para a acumulação de capital ao contribuir para a formação de excedente de insumos e mão de obra tornando possível a acumulação em outros setores produtivos e econômicos (RATHMANN, et al., 2008).

O agronegócio foi estruturado para o desenvolvimento de dois grandes setores, quais sejam: a agricultura e a pecuária sustentados através da ciência, técnica e da informação. Ao analisar o agronegócio e o comércio exterior do Brasil a partir das principais rodadas de comércio os quais o país esteve envolvido, Jank, Nassare Tachinardi (2005) consideram três fases de expansão e desenvolvimento do setor, a saber: a primeira, compreendida entre as décadas de 1970 e 1980, período marcado pela grande quantidade de crédito oficial farto e barato. Foi neste período que se intensificou a concepção do “modelo agroexportador” concorrendo diretamente com países desenvolvidos no mercado de soja, laranja, entre outros. Geograficamente, a produção de *commoditys* agrícolas se expandiu junto da fronteira agrícola, sobretudo em áreas de cerrado¹. Desta forma, O foco do agronegócio concentrou-se no desenvolvimento da agricultura científica² voltada para exportação e em menor escala para o abastecimento do mercado interno. Essa primeira fase baseou-se, sobretudo na filosofia produtivista da Revolução Verde³.

Para Jank, Nassar e Tachinardi (2005), a segunda fase do desenvolvimento do agronegócio ocorreu durante a década de 1990, período caracterizado pelo choque de eficiência e competitividade no mercado externo, resultante da desregulamentação dos mercados, da redução dos créditos rurais, do endividamento de muitos produtores, da abertura de mercado, do controle da inflação e da expansão da fronteira agrícola sobre os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Rondônia, Tocantins, Pará, Maranhão, Bahia e Piauí, transformando a paisagem local em grandes lavouras de *commodity* agrícolas. Por fim, a terceira fase, ainda em andamento, iniciou-se no começo dos anos 2000, tendo como principais característica a expansão de mercados e a intensificação da ciência e da tecnologia. O agronegócio brasileiro expande-se com ganhos de eficiência e competitividade garantindo ao país um lugar de destaque no mercado externo, sobretudo pelo comércio de *commodity* como a soja e o milho.

Pelo exposto, percebe-se que a história da agricultura no último século foi marcada pela transformação produtiva, impulsionada pela técnica e pela ciência (BUAINAIN et al., 2014). No caso brasileiro, o agronegócio se diversificou, a partir da especialização produtiva, criação de agroindústrias e das grandes corporações agroalimentares que movimentam uma complexa cadeia produtiva como, por exemplo, o gerenciamento da cadeia de suprimentos (processamento, distribuição e o do consumidor final) (CONTINI, et al., 2006). Exemplo disso é a cadeia produtiva da fruticultura, um dos principais produtos do agronegócio nacional com tendência de crescimento no mercado externo, desempenhando desta maneira importante função econômica dentro do agronegócio do país. Sua relevância econômica se desenvolve a partir da estruturação dos sistemas de agrocomercialização que corresponde às fases de produção, comercialização e consumo de frutas frescas, e o sistema de agroindustrialização que diz respeito às fases de processamento e industrialização (NOGUEIRA, 2011). Diante desse cenário comercial e alimentar global contemporâneo, este trabalho tem como objetivo analisar o mercado da fruticultura no Brasil, através das representações dos fluxos de produção e exportação de frutas frescas entre os anos de 2000 a 2017.

Para a realização deste trabalho, iniciou-se com revisão bibliográfica utilizando artigos de periódicos, teses, dissertações e livros que abordam a temática de agronegócio, fruticultura, logística de transporte e comércio exterior. Em seguida, realizou-se coleta de dados secundários referentes às exportações de frutas no período de 2000 a 2017 utilizando a plataforma Agrostat do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA (nível 01, categoria frutas – incluindo castanhas e nozes) e o banco de dados da Produção Agrícola Municipal – PAM⁴ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Os dados obtidos foram agrupados nos seguintes setores: Produto – Região, Produto – Estado, Exportação – Produto – Porto, Exportação – Produto – Aeroporto, Exportação – Produto – Outras vias e Exportação – Produto – Bloco Econômico. Os dados obtidos foram tabulados no *software* Microsoft Excel 2007 e no ArcGIS 10.2 (licenciado pelo laboratório de Geoprocessamento da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes) no qual foram gerados os mapas de localização e espacialização do comércio internacional do Brasil.

O mercado de Produtos Agroalimentares

O mercado de produtos frescos é relativamente recente e tem provocado significativas transformações no sistema agroalimentar mundial a partir da formação de complexos internacionais de suprimento de alimentos que cobrem todas as etapas da cadeia de suprimentos, da produção, armazenamento, distribuição até o consumo final. Isso demonstra a configuração de dois complexos processos geográficos: a integração transnacional na cadeia de mercadorias de origem agrícola e, a descentralização e reorganização espacial da produção de alimentos (SILVA, 2001). Tais processos foram possíveis a partir do desenvolvimento técnico, científico e informacional⁵, notadamente, do desenvolvimento da agricultura científica, uma vez que “os avanços da ciência,

produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas de informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária” (SANTOS, 2001, p.23).

O sistema agroalimentar mundial foi, segundo Mardsen (1999) citado por Silva (2001), estruturado historicamente em três regimes distintos: o primeiro regime ocorreu entre os anos de 1870 a 1914 foi denominado de “regime alimentar extensivo” caracterizado pela hegemonia britânica, pela expansão imperialista através da exportação de capitais e pelo estímulo doméstico aos bens manufaturados com a importação crescentes de matérias primas alimentares (café, chá, açúcar, lã, carne, vinho, algodão, entre outros) dos países coloniais.

O segundo regime agroalimentar foi denominado de “regime alimentar intensivo”. Esse se estendeu até a década de 1960, estando diretamente ligado ao modo de produção fordista, por meio da intensificação da especialização agrícola, da integração de culturas nas cadeias agroalimentares, do desenvolvimento de complexos agroalimentares, da crescente utilização de capitais transnacionais e da integração intrasetorial cruzando as fronteiras internacionais. Por fim, o terceiro regime se desenvolveu a partir da década de 1970, tendo como principais características, a flexibilização das ações econômicas levadas a cabo pelas corporações transnacionais, a crise dos Estados nacionais, a formação do circuito global de produção e consumo de alimentos. Essa fase também se caracterizou pelo aumento da capacidade das corporações de transporem os limites nacionais, adoção das políticas neoliberais por meio da redução da participação do Estado na economia, ascensão de novas *commodities* no mercado externo, introdução dos produtos frescos no mercado internacional, atuação das corporações varejistas. E, pela formulação da base normativa de cuidados ambientais com a produção, abastecimento e consumo de alimentos (SILVA, 2001).

A intensificação dos processos produtivos bem como a expansão das áreas destinadas ao agronegócio, em especial das regiões produtivas voltadas para a fruticultura expressam a disseminação de uma nova lógica de produção do espaço geográfico através da atuação de agentes econômicos responsáveis por ditar importantes transformações na dinâmica econômica, social, cultural e alimentar nos territórios da produção (BEZERRA, 2017).

Em seu trabalho, Silva (2001) apóia-se em dados da *Organisation for Economic Co-operation and Development* (1996) para analisar os fatores que impulsionaram o crescimento do mercado mundial de produtos frescos, entre eles se destacam:

[...] a) os esforços dos países em desenvolvimento para ampliar os saldos de exportação; b) a tendência geral para a liberalização de comércio internacional; c) os incentivos para diversificação da produção nos países desenvolvidos, devido à reforma das políticas agrícolas, e o declínio do apoio governamental para os produtos

tradicionais; d) o progresso técnico no armazenamento e transporte das frutas frescas, e e) o mercado precoce ou tardio de frutas.

Desta forma, pode-se afirmar que as mudanças do processo produtivo das regiões produtivas, configuram uma nova lógica de produção e organização do espaço, através da atuação dos agentes econômicos locais e globais (BEZERRA, 2017).

A Fruticultura

A fruticultura é compreendida como conjunto de técnicas e práticas aplicadas na exploração de plantas que produzam frutas comestíveis e comercializáveis (FACHINELLO; NACHTIGAL; KERSTEN, 2008). Como um dos segmentos do agronegócio brasileiro, a fruticultura apresenta importante contribuição para o contexto socioeconômico do país. Para os autores supracitados, entre as importâncias da fruticultura brasileira podem ser destacado a utilização intensiva da mão de obra (criação de postos de trabalho), a possibilidade de grandes rendimentos por área cultivada, possibilidade de inserção de pequenas propriedades rurais, desenvolvimento de agroindústrias, aumento nas divisas com as exportações; importante fonte alimentar ricas em de vitaminas, sais minerais, proteínas e fibras, elementos indispensáveis ao bom funcionamento do organismo humano, entre outras.

A expansão do setor de fruticultura está diretamente relacionada ao desenvolvimento do sistema de circulação. Para Bezerra (2017, p.105),

O desenvolvimento de modernas tecnologias de transporte e logística associadas ao maior consumo de frutas no mundo possibilitou o fortalecimento desta atividade como um setor chave para o processo de internacionalização das redes de produção agroalimentar.

No mercado frutícola, a utilização dos sistemas de classificação é um meio eficiente e eficaz de organizar e desenvolver a comercialização das frutas a partir da determinação de grupos, classes e tipos. Isso possibilita a comparação dos produtos com padrões pré-estabelecidos. Entre os principais benefícios do sistema de classificação de frutas pode-se citar: melhoria na apresentação do produto, agregação de valor, economia ao longo da cadeia produtiva, otimização da distribuição, conhecimento de mercado e satisfação do consumidor (LUENGO; CALBO, 2006). A utilização do sistema de classificação contribui para a valorização

do produto através da tipificação das formas de cultivos, da logística de produção processamento e comercialização, etapas essenciais para a competitividade de produtos a nível internacional.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa (1978) as frutas podem ser classificadas em quatro grupos de acordo com suas características físicas, quais sejam:

- a) Extra - Quando constituída por fruta de elevada qualidade, sem defeitos, bem desenvolvidas e maduras [...]; b) De primeira - Quando constituída por fruta de boa qualidade, sem defeitos sérios, apresentando tamanho, cor e conformação uniformes, devendo ser bem desenvolvidas e maduras [...]; c) De segunda - Quando constituída por frutas de boa qualidade, compactos e firmes, mas que não foram classificadas nas classes anteriores. As frutas podem apresentar ligeiros defeitos na cor, desenvolvimento e conformação [...]; d) De terceira - esta classe, destinada a fins industriais, será constituída por frutas que não foram classificadas nas classes anteriores, desde que conservem as suas características [...].

Quadro 1. Classificação das Frutas quanto ao clima:

Tipos	Características
Frutas de clima temperado (pêra, maçã, pêssego, uva, ameixa, marmelo, entre outras)	Hábito caducifólio Um único surto de crescimento Maior resistência às baixas temperaturas Necessidade de temperatura média anual entre 05 e 15°C para crescimento e desenvolvimento
Frutas de clima subtropical (frutas cítricas, abacate, caqui, jabuticaba, entre outras)	Podem apresentar hábito caducifólio Possuem mais de um surto de crescimento Necessitam de temperatura média anual de 15 a 22°C
Frutas de Clima tropical (banana, caju, abacaxi, mamão, manga, maracujá, coco, entre outras)	Podem apresentar mais do que um surto de crescimento; Apresentam folhas persistentes; Não toleram temperaturas baixas; Necessidade de temperatura média anual entre 22 e 30°C.

Fonte: Fachinello; Nachtigal; Kersten (2008). **Org:** Oliveira (2018)

Pelo exposto, percebe-se a superficialidade da classificação definida pela Anvisa, considerando apenas as condições físicas dos produtos. Diferentemente dessa

classificação, Fachinello; Nachtigal; Kersten (2008) apresentam uma classificação mais estruturada categorizando os tipos de frutas quanto ao clima, ao hábito vegetativo e quanto ao tipo de fruto como demonstrado nos quadros que se seguem.

Quadro 2. Classificação das Frutas quanto ao hábito vegetativo

Tipos	Características	Exemplos
Arbóreas	Apresentam grande porte e tronco lenhoso	Mangueira, abacateiro, jaqueira, nespereira e nogueira pecan.
Arbustivas	Apresentam porte médio e caule menos resistentes	Figueira, amoreira, mamoeiro e romãzeira.
Trepadeiras	Apresentam caule sarmentoso e provido de gavinhas.	Videira, maracujazeiro e quivi.
Herbáceas	Apresentam porte baixo, rasteiras ou com pseudo-caules	Bananeira, morangueiro e abacaxizeiro.

Fonte: Fachinello; Nachtigal; Kersten (2008). Org: Oliveira (2018)

Quadro 3. Classificação das Frutas quanto ao tipo do fruto

Tipos	Exemplo
Frutas com sementes	Maçã e pêra
Frutas com caroços	Pêssego e ameixa
Frutas com sementes carnosas	Romã
Frutas em bagas	Uva, groselha e quivi
Frutas em espirídio	Citros
Frutas agregadas	Framboesa
Frutas compostas	Figo
Frutas secas	Noz pecan e pistáchio
Frutas tropicais e subtropicais	Banana e abacaxi
Frutas nativas comestíveis	Araçá, pitanga, araticum

Fonte: Fachinello; Nachtigal; Kersten (2008). Org: Oliveira (2018)

Estes critérios de seleção são imprescindíveis no processo de exportação e captação de novos clientes, podendo ser categorizado como uma das etapas do processo logístico da fruticultura. Na seção seguinte analisar-se-á a logística da exportação de frutas no Brasil no período de 2000 a 2017, identificando os principais fluxos de comércio.

A logística da Exportação de Frutas no Brasil

Desde as últimas décadas do século passado percebe-se uma intensificação das relações transnacionais bem como a integração espacial a partir da especialização

da cadeia de mercadorias de produtos agrícolas. Esse processo implica na descentralização e reorganização espacial da produção de alimentos, que foi desenvolvida *a priori* sob órbita produtiva dos complexos de carnes e grãos, e da indústria alimentícia do modo de produção fordista (SILVA, 2001).

Até o final da Segunda Guerra Mundial, o sistema agroalimentar de produtos frescos podia ser qualificado apenas como local ou nacional (essa limitação espacial estava diretamente relacionada ao desenvolvimento técnico). No mercado de frutas frescas, apenas a bananicultura se destacava por ter sido introduzida no mercado internacional cujos maiores importadores eram os Estados Unidos e a Europa Ocidental (SILVA, 2001). Isso demonstra a complexidade do gerenciamento da cadeia de suprimentos e da logística de transporte na distribuição dos produtos frescos, entre eles as frutas, cujo processo de deterioração/perda se inicia no momento seguinte à colheita.

No Brasil, tem se tornado recorrente as discussões acerca do tratamento de questões relacionadas ao sistema de transporte e escoamento de produtos alimentícios. Nesta perspectiva, a necessidade da implantação e desenvolvimento do sistema logístico “ultrapassou o paradigma da simples movimentação de mercadorias” (OLIVEIRA, 2014 p.339) tornando-se uma necessidade vital do setor produtivo e comercial. Para a referida autora, embora o Brasil apresente problemas estruturais em sua matriz de transporte e logística, ele vem obtendo recorde de produção e eficiência no gerenciamento de alguns setores agrícolas, em especial a dos setores de soja e derivados, açúcar, álcool, suco de laranja, café e carnes.

Nesse contexto, entende-se a logística como a manifestação hegemônica da circulação no período atual da globalização, que é utilizada por agentes públicos e privados, de grandes e pequenas empresas para conferir fluidez e racionalidade aos circuitos espaciais produtivos em escala local e global. Diante desse entendimento, considera-se a logística uma prática indispensável no ordenamento, gestão e na expansão dos circuitos espaciais produtivos e dos fluxos materiais e imateriais (CASTILLO; FREDERICO, 2010). Julga-se importante neste trabalho destacar que devido os problemas estruturais na matriz de transporte do Brasil, os custos logísticos apresentam-se como um elemento importante na precificação dos produtos, bem como na disponibilidade e acesso desses devido à dispersão espacial da produção, da distribuição do mercado interno e das longas distâncias envolvidas no comércio intra e inter-regional.

Na fruticultura, os fatores tempo, espaço e condições das infraestruturas determinam a qualidade do produto final bem como a receita gerada, tendo em vista que “quanto mais intensivo é o uso dos recursos de transporte, em termos de confiabilidade, frequência, etc., menores são as necessidades de recursos de armazenagem, mão-de-obra, ou outros fatores de produção” (*sic*) (CASTRO, 2003, p.05). O referido autor analisa também a importância da acessibilidade enquanto estratégia competitiva. Para ele, as melhores condições de acesso permitem um melhor compartilhamento de mão de obra temporária, redução direta de perdas ou avarias nos produtos; e impacto direto na produção (CASTRO, 2003).

Atualmente, o Brasil é um dos líderes mundial em exportação de produtos agrícolas. As *commodities*, principais produtos de exportação, contribuem significativamente para o saldo positivo da balança comercial nacional (KAWANO, 2012). O país é o terceiro maior produtor de frutas mundial ficando atrás somente da China e Índia, respectivamente (SEBRAE, 2015). Embora não tenha grande destaque no comércio internacional de frutas, o Brasil tem registrado tendência de crescimento em sua participação no mercado de frutas frescas. Além disso, o mercado interno consome toda a produção a ele destinada.

O consumo de frutas frescas faz parte da rotina alimentar do brasileiro estando presente em todos os estados do país. No ano de 2016, foram produzidas 43.495.570 toneladas de frutas nas lavouras permanentes⁶ do país (IBGE, 2016). A produção foi aproximadamente 9% superior ao registrado no início da década de 2000 (IBGE, 2002). O crescimento foi percebido também nas áreas destinadas à colheita, em 2002 as lavouras permanentes do Brasil ocupavam 6.395.369 hectares, em 2016, as áreas destinadas às lavouras permanentes chegaram a 7.773.455 hectares, crescimento de 18%. A espacialização das áreas destinadas às culturas permanentes em 2016 é demonstrada na Figura 1.

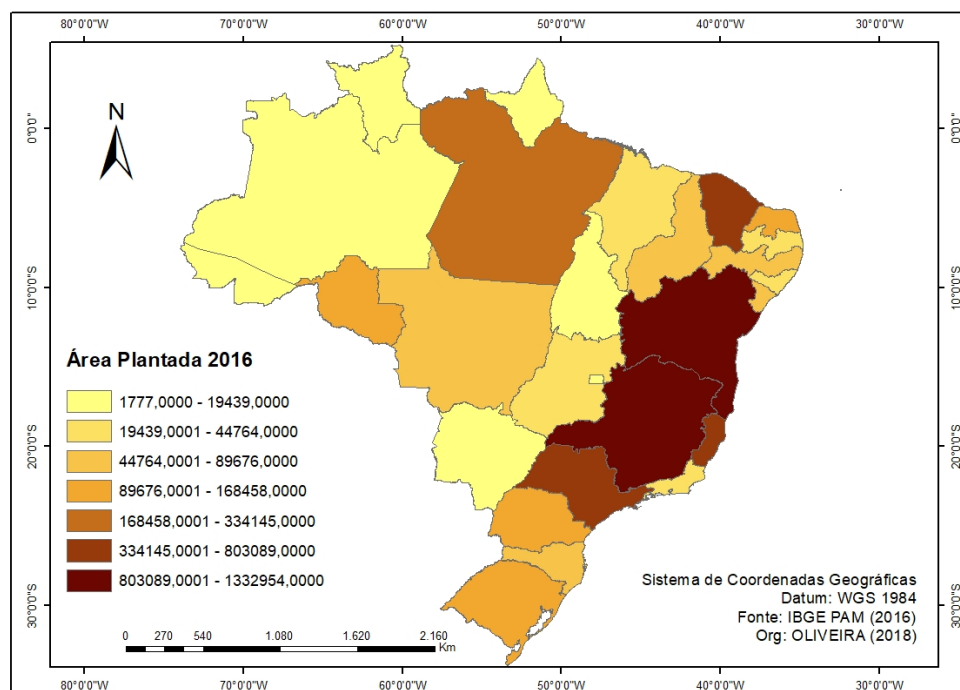


Figura 1. Brasil: Área destinada à Fruticultura 2000 - 2017

Fonte: IBGE - PAM, 2018. Org: OLIVEIRA, 2018

No referido ano, as maiores culturas em toneladas do país foram as lavouras de laranja, banana, café, coco, mamão e limão. Os produtos que obtiveram as maiores receitas no consolidado foram: o café, a laranja, a banana e a uva, respectivamente, como é demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1. Frutas – Produção Permanente, Brasil 2016

Principais produtos das lavouras permanentes	ADC* (ha)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	RM** (kg/ha)	Valor (1000 R\$)
Laranja	669 195	658 945	17 251 291	26 180	8 380 099
Banana	474 944	469 711	6 764 324	14 401	8 313 352
Café (em grão) - Total	2 006 717	1 994 761	3 019 051	1 513	21 360 915
Café (em grão) - Arábica	1 569 943	1 567 630	2 548 304	1 626	18 555 920
Coco-da-baía	234 726	234 012	1 766 164	7 547	1 133 522
Mamão	30 758	30 372	1 424 650	46 907	1 472 522
Limão	47 609	47 279	1 262 353	26 700	1 287 619
Maçã	34 084	33 981	1 049 251	30 878	1 650 768
Manga	62 174	61 842	1 002 189	16 206	788 351
Tangerina	49 281	49 232	997 993	20 271	959 610
Uva	77 132	76 997	984 481	12 786	2 127 602
Maracujá	50 204	49 889	703 489	14 101	1 028 998
Café (em grão) - Canephora	436 774	427 131	470 747	1 102	2 804 995
Goiaba	17 179	17 119	414 960	24 240	508 573
Abacate	10 868	10 855	195 492	18 009	228 600
Pêssego	17 309	17 283	191 855	11 101	398 829
Sisal ou agave (fibra)	199 104	199 104	180 948	909	349 554
Caqui	8 222	8 174	161 037	19 701	284 634
Palmito	24 390	24 207	117 515	4 855	248 466
Figo	2 805	2 804	26 910	9 597	78 618
Pera	1 366	1 248	14 905	11 943	33 750
Marmelo	113	113	741	6 558	997

* Área destinada à colheita, ** Rendimento médio.

Fonte: PAM-IBGE (2017). Org: OLIVEIRA (2018).

É importante se destacar que os estados com as maiores produções anual de frutas, não foram, necessariamente, os que apresentaram as maiores atuações no mercado externo, no ano de 2016, por exemplo, o estado com a maior produção frutícola foi São Paulo, contudo, os maiores exportadores foram os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, São Paulo e Pernambuco, respectivamente (ANUÁRIO

BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2017). A relação produção x exportação está representado na Figura 2.

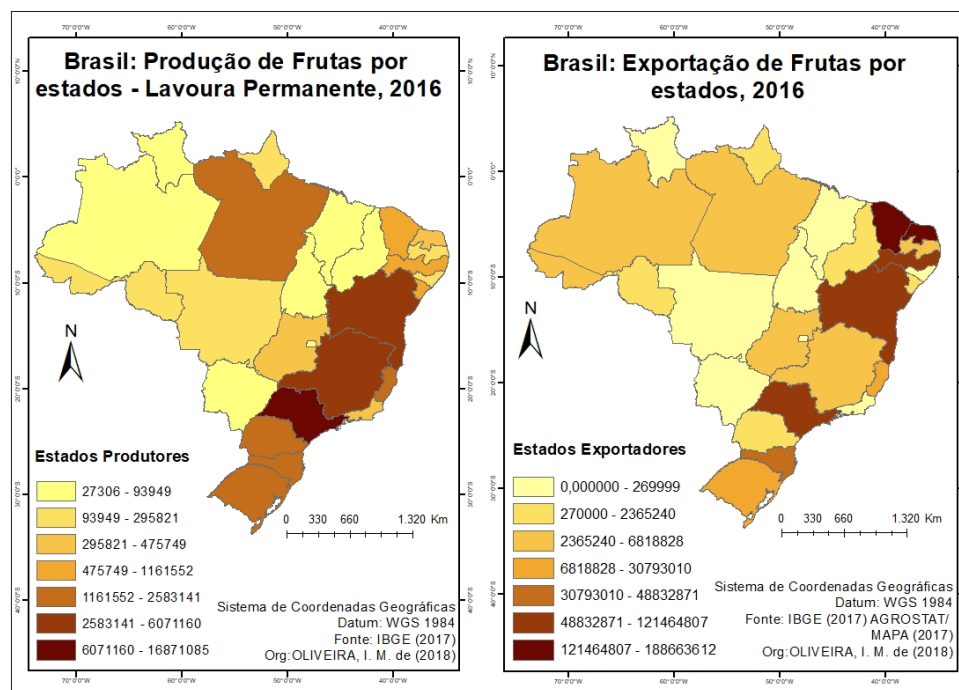


Figura 2. Brasil: Produção – Exportação de Frutas

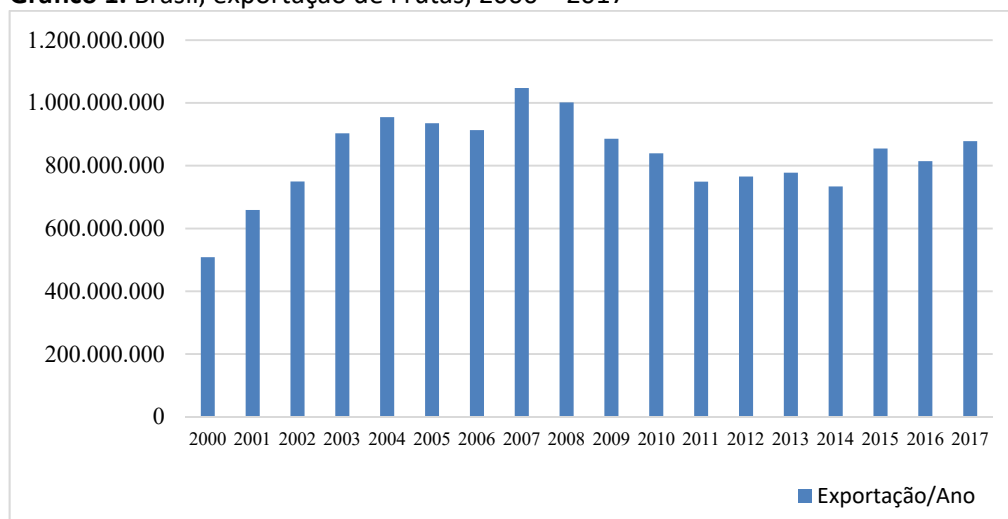
Fonte: IBGE – PAM, 2017; AGROSTAT/ MAPA, 2018. Org: OLIVEIRA, 2018

A partir das leituras e pesquisas que têm sido realizadas acerca desta temática, percebe-se que para a inserção de uma região e/ou empresa no comércio internacional de frutas frescas requer inúmeros esforços e estratégias que ultrapassam a seara produtiva. Autores como Weiss e Santos (2014), Kawano et al., (2012), Zanchi et al. (2013), Leão e Moutinho (2014), entre outros; apontam problemas como: baixos desenvolvimento logísticos, o sistema tributário nacional, a precariedade da infraestrutura de transporte, as barreiras fitossanitárias, a falta de padronização e controle de pragas, a fraca atuação dos agentes governamentais e técnicos junto aos órgãos internacionais na defesa do produto nacional, entre outros, como fatores que entravam a inserção, a competitividade e expansão/atuação das empresas e agentes brasileiros no mercado internacional.

Como expressado anteriormente, o setor de fruticultura se destaca como um dos mais dinâmicos e competitivos do agronegócio, alguns de seus produtos têm experimentado significativo processo de valorização no mercado externo tais como a uva, a manga, o melão, o abacaxi e o mamão. No mercado externo, as frutas de clima temperado têm uma maior aceitação e valorização, isso devido à localização geográfica (zona de clima temperado) dos maiores compradores/importadores. Embora o Brasil tenha desde a década de 1980 participado do mercado internacional de frutas, foi somente na década de 2000 que o país apresentou

significativo volume de produtos exportados, isso devido principalmente as políticas governamentais e privadas de incentivo a produção, expansão das áreas de cultivo, a certificação de produtos, pela melhoria da infraestrutura de transporte e logística e devido aos investimentos em tecnologias agrícolas (VITTI, 2009). Ao se analisar o percentual de aumento das exportações de frutas realizadas no país entre os anos de 2000 e 2017, constata-se o aumento de aproximadamente 52% do volume de produtos comercializados (se comparado as exportações em 2000 e o ano de maior fluxo, 2007), como demonstrado no gráfico 01 ao tratar a série histórica do comércio internacional de frutas do Brasil.

Gráfico 1. Brasil, exportação de Frutas, 2000 – 2017



Fonte: AGROSTAT/ MAPA (2018). Org: OLIVEIRA(2018).

O sistema econômico internacional apresenta influência cada vez maior nas diferentes formações socioespaciais espalhadas pelo globo, de forma que, é impossível negar a influência externa na elaboração de políticas comerciais domésticas (PACCHIEGA, 2012) principalmente, nas atividades voltadas para a exportação. Entre os anos de 2000 e 2017 o Brasil desenvolveu importantes relações comerciais internacional no mercado frutícola. Entre os principais países importadores das frutas brasileiras têm-se os Países Baixos, o Reino Unido, a Espanha, os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguai, a Alemanha, entre outros, como demonstrado na figura 03, que apresenta a localização dos principais parceiros comerciais do Brasil.

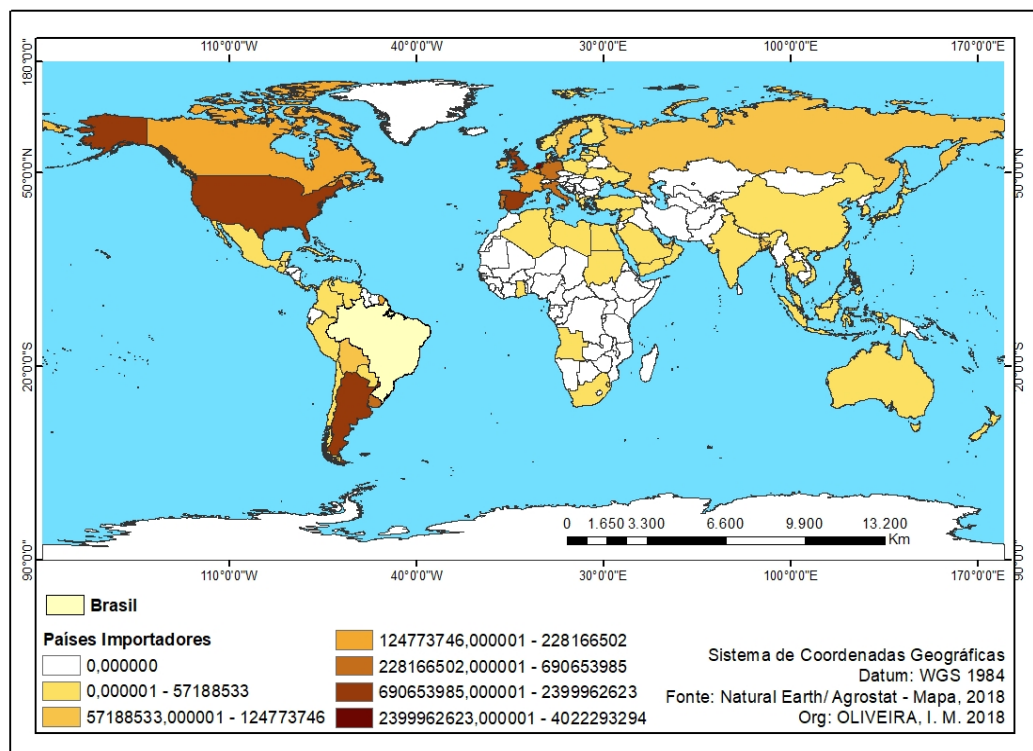


Figura 3. Brasil: Exportações de Frutas, 2000 - 2017

Fonte: AGROSTAT/ MAPA, 2018. Org: OLIVEIRA, 2018

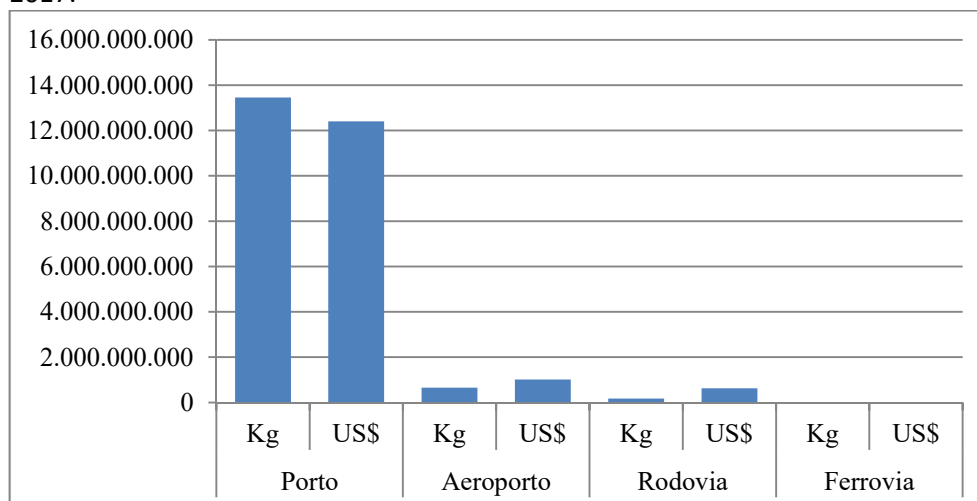
Na dinâmica econômica, as redes de distribuição estão sob o controle das grandes redes varejistas e atacadistas que imprimem a organização social da produção, através da definição de padrões de produção, circulação, distribuição e consumo. No estágio atual da globalização, as redes de produção envolvem uma variedade de agentes econômicos, diretos e indiretos, institucionais e não institucionais (BEZERRA, 2017). Neste cenário, as interações espaciais se intensificam em todas as escalas, uma vez que, o gerenciamento da cadeia de suprimentos integra um número crescente de fornecedores e clientes espalhados no arquipélago econômico mundial (MONIÉ, 2011). Essa complexa rede de interesses impõe a cadeia produtiva, notadamente da fruticultura, padrões específicos que acirram a competitividade das empresas do setor alimentício no mercado global.

A especialização produtiva das regiões foi possível graças ao desenvolvimento das redes de infraestrutura, entre elas o sistema de transportes. O transporte desempenha importante contribuição nos processos logísticos concentrando aproximadamente um terço do custo total da produção (BALLOU, 2006). No comércio internacional, as dinâmicas de dispersão e concentração, características do novo espaço econômico mundial, demandam por serviços especializados de acordo com as exigências dos clientes em termos de extensão e continuidade dos fluxos. Para atender essa necessidade, os agentes econômicos estruturam os sistemas de transportes de forma hierarquizada englobando em sua estrutura portos, aeroportos, plataformas intermodais, portos secos, nós ferroviários e

rodoviários (MONIÉ, 2011). É importante destacar a atuação dos prestadores de serviços logísticos especializados como as transportadoras e os operadores logísticos.

Para o transporte dos produtos exportados pelo Brasil, foram utilizados quatro modais de transportes (demonstrado no gráfico 02) quais sejam: Marítimo, concentrando aproximadamente 94% do fluxo de mercadorias, aéreo, responsável por 4,6% do transporte, rodoviário com participação de 1,2 % do fluxo de carga e em menor participação, o modal ferroviário que concentrou 0,012 das frutas transportadas. A representação do fluxo e modal de transporte está demonstrado no gráfico 02 (AGROSTAT/ MAPA, 2018).

Gráfico 2. Brasil: modais de Transporte utilizados na exportação de Frutas, 2000 - 2017.



Fonte: AGROSTAT/ MAPA, 2018. Org: OLIVEIRA, 2018.

Ao se analisar o destino dos produtos frutícolas, o volume comercializado agrupado em blocos econômicos, têm-se o maior volume exportado para a União Européia, Grupo dos 7 - G7, Associação Latino Americana de Integração – Aladi, Mercado Comum do Sul – Mercosul, Parceria Transpacífico, Acordo de Livre Comércio da América do Norte – Nafta, entre outros (AGROSTAT/ MAPA, 2018).

A logística de transporte de frutas se singulariza aos demais produtos do agronegócio. As frutas começam a perder qualidade no momento seguinte à colheita. Desta maneira as perdas pós-colheitas, podem ser resultado da falta de utilização de práticas, métodos e tecnologias apropriadas nas etapas de armazenamento, embalagem e transporte (FERREIRA NETO et al., 2006). Para o maior aproveitamentos dos produtos, a utilização das práticas logísticas são imprescindíveis. No mercado frutícola, a utilização de câmaras de resfriamentos foi um progresso tal como a utilização do contêiner para o transporte marítimo. Para Ferreira Neto et al (2006, p.833) o “armazenamento refrigerado remete ao conceito de carga térmica, uma vez que esse termo representa a retirada de calor gerado

pelo produto armazenado para reduzir sua temperatura até o nível desejado”, a utilização das tecnologias são, atualmente, indispensáveis para o controle e manutenção dos fluxos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil ocupa atualmente o posto de terceiro maior produtor de frutas do mundo. A literatura especializada elenca uma série de fatores que contribui para o dinamismo da fruticultura nacional, quais sejam: a grande extensão territorial, as características edafoclimáticas, o grande mercado interno, os investimentos em ciência/tecnologia, entre outros. Embora a fruticultura desempenhe importante papel na constituição do PIB do agronegócio, o Brasil tem pouca participação no mercado internacional de frutas frescas, aproximadamente 2% da produção nacional é destinado ao mercado externo. Neste cenário, pode-se destacar o comércio da laranja produzida, sobretudo no estado de São Paulo, no cinturão citrícola e o das frutas de clima temperado, categoria em expansão, notadamente na região Nordeste do país.

Durante a realização deste trabalho, sobretudo na etapa de revisão bibliográfica evidenciou a necessidade de investimento na infraestrutura de circulação (transporte, comunicação), uma vez que grande parte da literatura identifica a deficiência logística como um dos entraves da expansão do mercado frutícola. É importante destacar a singularidade da logística aplicada ao comércio de frutas frescas.

Na segunda etapa do estudo (coleta de dados secundários) percebeu-se a necessidade da criação de um banco de dados oficial que integre os dados da Produção Agrícola Municipal – PAM, que atualmente está sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Estatística – IBGE, e os bancos de dados do comércio exterior que se encontram vinculados aos Ministérios da Indústria, Comércio Exterior e Serviços – MDIC e Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA. Para a análise totalitária do processo geográfico é imprescindível a comunicação entre as estatísticas mundial, nacional, regional e local.

No que se refere aos estudos voltados para o setor de fruticultura, foi possível identificar a carência de estudos geográfico acerca do sistema agroalimentar e das redes de comércio de frutas, sobretudo na perspectiva do desenvolvimento regional. Grande parte dos trabalhos voltados à temática versa acerca da fruticultura da região nordeste, notadamente do submédio e baixo São Francisco. Assim, a ciência geográfica em muito pode contribuir para a sistematização/realização de estudos que integrem as perspectivas produtiva, comercial e desenvolvimentista enquanto processos inerentes ao espaço geográfico e ao período atual da globalização o que implica fluxos materiais e imaterial de significativa complexidade e extensão.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA, Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta, 2017.

BALLOU, Ronald. H. **Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos/ Logística Empresarial**. Tradução: Raul Rubenich. 5ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2006. 616 p.

BENKO, Georges. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. Tradução: Antonio de Padua Danesi. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, María Laura. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 2002, p.51-71

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. REDES DE SUPERMERCADOS E A GOVERNANÇA DO SETOR AGROALIMENTAR: A PRODUÇÃO DE FRUTAS NO NORDESTE BRASILEIRO. In: **Ra'e Ga**, Curitiba, v.42, p. 104 -119, Dez./2017.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. **Resolução - CNNPA nº 12, de 1978**. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/anvisaegis/resol/12_78_frutas.htm. Acessado em 05/01/2018

BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. **Agrostat – Estatística Agropecuária, Exportação**. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acessado em 07/12/2017.

BUAINAIN, Antônio Márcio et al (editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF : Embrapa, 2014. 1182 p.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. ESPAÇO GEOGRÁFICO, PRODUÇÃO E MOVIMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO. In: **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3): 461-474, dez. 2010.

CASTRO, N. **Custo de transporte e produção agrícola no Brasil: 1970-1996**, 2003. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=317290. Acessado em 19/01/2018

CONTINI, Elisio. et al. Evolução recente e tendências do agronegócio. In: **Revista de Política Agrícola**. Ano XV – Nº 1. p. 05-28, Jan./Fev./Mar. 2006.

DERETTI, Alexia Roberta; DEMARCH, Marcela Beatriz Machado; GESSER, Kiliano. A CARACTERIZAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO DE FRUTAS E A EXPORTAÇÃO DE SUCO DE LARANJA. In: **Caderno Científico Ceciesa – Gestão**, v. 1, n. 1, p. 143-152, 2015.

FACHINELLO, José Carlos; NACHTIGAL, Jair Costa; KERSTEN, Elio. **Fruticultura: Fundamentos e Práticas**. Pelotas, 2008.

FERREIRA NETO, Josué et al. AVALIAÇÃO DAS CÂMARAS FRIAS USADAS PARA O ARMAZENAMENTO DE FRUTAS E HORTALIÇAS NO ENTREPOSTO TERMINAL DE SÃO PAULO (CEAGESP). In: **Eng. Agríc.**, Jaboticabal, v.26, n.3, p.832-839, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eagri/v26n3/21.pdf>. Acessado em 27/01/2018.

FERREIRA NETO, Josué. et al. Avaliação das câmaras frias usadas para o armazenamento de frutas e hortaliças no entreposto terminal de São Paulo (CEAGESP). In: **Engenharia Agrícola**, Jaboticabal, v.26, n.3, p.832-839, set./dez. 2006.

FRANCO, José Benjamin Severino. O papel da Embrapa nas transformações do Cerrado. In: **Caminhos de Geografia**. 2(3) 31-40, mar/ 2001.

FREDERICO, Samuel. **O Novo Tempo do Cerrado: Expansão dos Fronts Agrícolas e Controle do Sistema de Armazenamento de Grãos**. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo. In: HAESBAERT, Rogério (org). **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agropecuária Municipal (série histórica), 2016**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?edicao=16787&t=downloads>. Acessado em: 19/01/2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agropecuária Municipal (série histórica), 2002**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?edicao=16787&t=downloads>. Acessado em: 19/01/2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agropecuária Municipal – Metadados**. Disponível em: <http://www.metadados.ibge.gov.br/consulta/dthPesquisa.aspx?codPesquisa=PA>. Acessado em: 12/07/2017.

JANK, Marcos Sawaya; NASSAR, André Meloni; TACHINARDI, Maria Helena. Agronegócio e Comércio Exterior Brasileiro. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n.64, p. 14-27, dezembro/fevereiro 2004-2005

KAWANO, Bruno Rógora. et al . ESTRATÉGIAS PARA RESOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DA LOGÍSTICA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS EXPORTADOS PELO BRASIL. In: REVISTA DE ECONOMIA E AGRONEGÓCIO, VOL.10, Nº 1, p. 71-88, 2012. Disponível em: <http://www.rea.ufv.br/index.php/rea/issue/view/33>. Acessado em 04/10/2017

LEÃO, Éder Lira de Souza; MOUTINHO, Lúcia Maria Góes. O ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE FRUTICULTURA IRRIGADA DO VALE DO SUBMÉDIO DO SÃO FRANCISCO COMO OBJETO DE POLÍTICA. In: **Race**, Joaçaba, v. 13, n. 3, p. 829-858, set./dez. 2014.

LUENGO, Rita de Fátima Alves; CALBO, Adonai Gimenez. **Classificação de hortaliças e frutas**. Circular Técnica 43, Embrapa Hortaliças: Brasília, DF Dezembro, 2006. ISSN 1415-3033.

https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/ct_43_000fo8mkn7702wyiv8065610dy73vs1j.pdf

MONIÉ, Frédéric. Dinâmicas produtivas, logística e desenvolvimento territorial In: COSTA, Pierre; VIDEIRA, Sandra Lúcia; FAJARDO, Sérgio: **(RE) leituras da Geografia Econômica**. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora. p145-167, 2011. ISBN: 978-85-7785-119-5. Disponível em:

https://www.academia.edu/4346694/Din%C3%A2micas_produtivas_log%C3%ADs_tica_e_desenvolvimento_territorial

NOGUEIRA, José Guilherme Ambrósio. **Proposta de plano estratégico para ampliar a competitividade do setor de frutas brasileira no mercado internacional**. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2011.

OLIVEIRA, Andréa Leda Ramos de. A logística do agronegócio: para além do “apagão logístico”. In: BUAINAIN, Antônio Márcio et al (editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014, p. 337 – 370.

PACCHIEGA, Rafael Muniz. **Fluxos Internacionais de Mercadorias na Dinâmica do Território Brasileiro: Atuação das Trading Companies sediadas na Cidade de São Paulo**, 2012. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012.

RATHMANN, Régis et al.. Diversificação produtiva e as possibilidades de desenvolvimento: um estudo da fruticultura na região da Campanha no RS. In: **RER**, Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, p. 325-354, abr/jun 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, Rio de Janeiro, Record, 174 p., 2000.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Agronegócio – Fruticultura.** Boletim de Inteligência, Outubro de 2015.

SEREIA, Vanderlei José; NOGUEIRA, Jorge Madeira; CAMARA, Márcia Regina Gabardo da. As Exportações Paranaenses e a Competitividade do Complexo Agroindustrial. In: **R. paran. Desenv.**, Curitiba, n. 103, p. 45-59, jul./dez. 2002.

SILVA, Pedro Carlos Gama da. **ARTICULAÇÃO DOS INTERESSES PÚBLICOS E PRIVADOS NO PÓLO PETROLINA-PE/JUAZEIRO-BA: EM BUSCA DE ESPAÇO NO MERCADO GLOBALIZADO DE FRUTAS FRESCAS.** 2001, 258 f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

VITTI, Aline. **Análise da competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional.** 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo. Piracicaba 2009.

WALLACE, I. **Towards a Geography of Agribusiness.** Progress in Human Geography, [S.l.], v. 9, n.4, p.493-514, 1985.

WEISS, C.; SANTOS, M.. A logística de distribuição e as perdas ao longo da cadeia produtiva das frutas frescas. In: **XI Congresso Online - Administração**, 2014, XI Congresso Online - Administração. 2014.

ZANCHI, Vinicius Vizzotto et al. Desempenho das exportações brasileiras de frutas in natura (1996-2007): uma análise sob a ótica do modelo gravitacional. In: **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, v. 19, n. 41, p. 9-34, jul./dez. 2013.

Contato com o autor: Igor Martins Oliveira <igormogeo@gmail.com>

Recebido em: 14/04/2018

Aprovado em: 20/02/2019

¹ Sobre esse assunto, consultar Frederico (2009).

² Termo utilizado por Santos (2000) na obra “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”.

³ Sobre esse assunto consultar Franco (2001).

⁴ A coleta das informações da PAM é realizada mediante aplicação de um questionário em cada município do País, o qual é preenchido pelo Agente de Coleta do IBGE. As estimativas obtidas pelos agentes resultam de contatos que os mesmos mantêm com técnicos do setor agrícola, com produtores e, ainda, do próprio conhecimento que o agente possui sobre as atividades agrícolas dos municípios ou região onde atua. Para determinadas culturas consultam-se, ainda, entidades específicas de controle e incentivo, que detêm as melhores informações sobre os produtos de seu interesse. Para os produtos investigados pela PAM, que são acompanhados mensalmente pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA, os dados são obtidos mensalmente, segundo a orientação do Supervisor Estadual de Pesquisas Agropecuárias, pela rede de coleta do IBGE, técnicos de outros órgãos que atuam na área, produtores e outros colaboradores sediados nos diversos municípios e representantes técnicos de entidades públicas e privadas que participam dos colegiados técnicos de estatísticas agropecuária sem nível estadual, regional e municipal (Grupos de Coordenação de Estatística Agropecuárias - GCEA, Comissões Regionais de Estatísticas Agrícola - COREA e Comissões Municipais de estatísticas Agropecuárias - COMEA) (IBGE, 2017).

⁵ Vide Santos (2006)

⁶ O IBGE considera como cultura permanentes aquelas cujas mudas “pés” produzem mais de uma vez, não tendo a necessidade de plantio anualmente e/ou por safras, como exemplo tem-se os cultivos de banana, laranja, manga, uva, goiaba, mamão, limão, tangerina, entre outras.

⁷ Considerando o consolidado exportado